



D.R.

JFK MARILYN:

SEGREDOS BEM GUARDADOS

**CASAL**

Marilyn Monroe com o célebre dramaturgo Arthur Miller, que foi seu marido

FAMÍLIA

J.F.K. com a mulher e primeira dama dos EUA, Jacqueline Kennedy, e os filhos de ambos



Era uma grande história sobre a ligação do presidente com a atriz. Mas havia um problema: os documentos em que se baseava eram falsos

Quando pousou pela primeira vez a vista naqueles papéis, no gabinete de um negociante de documentos de Atlanta, em Dezembro de 1994, a língua caiu-lhe aos pés - para usar a expressão do próprio Seymour Hersh, 60 anos, actualmente o maior nome do jornalismo de investigação nos Estados Unidos. Compreende-se. Parecia tratar-se de uma das descobertas mais sensacionais da epopeia da devassa jornalística da presidência de John Fitzgerald Kennedy.

Os documentos, datados de Março de 1960 a Janeiro de 1962, prometiam mostrar que o mítico presidente assassinado em Dallas criara um fundo de 600 mil dólares (115 mil contos, ao câmbio actual) a favor da mãe de Marilyn Monroe, supostamente no intuito de comprar o silêncio da atriz sobre a alegada ligação amorosa por ambos mantida.

Uma revelação espantosa, destinada a fazer valer grandes manchetes nos jornais diários norte-americanos - do tipo *Marilyn chantageou J.F.K.!* - ao livro em que Hersh trabalhava há mais de quatro anos, *The Dark Side of Camelot* (*O Lado Escuro de Camelot*), com publicação prevista para o próximo mês de Novembro, bem como para o documentário de duas horas na ABC cuja passagem deveria coincidir com o lançamento da obra. Mas eis que, subitamente, Hersh e a referida estação de TV lançaram uma extraordinária jogada de antecipação con-

tra si próprios: a certa altura do programa *20/20*, a ABC afirmou que os documentos eram, quase de certeza, falsos.

UM KENNEDY 'EMBACIADO'

Ainda de acordo com esses documentos, teria sido comprado o silêncio da atriz - mas não tanto a respeito da sua ligação com o presidente como no tocante às ligações de J.F.K. com algumas figuras do submundo, como o gangster Sam Giancana. Recorde-se que, conforme foi há poucos meses revelado, este último foi usado pela CIA numa tentativa falhada de assassinar o líder cubano Fidel Castro. Segundo uma fonte que os leu, os referidos papéis aludiriam ainda a uma solicitação feita por Kennedy ao poderoso «patrão» do FBI, Edgar Hoover, no sentido de arranjar uma forma de eliminar fisicamente Marilyn (que, como se sabe, se suicidou em 1962). A ser verdade tudo isto, a imagem de J.F.K. ficaria muito embaciada e, como proclamava Hersh, ha-

veria que «reescrever parte da História do nosso tempo».

As supostas ligações dos Kennedys com o submundo têm sido tema de especulação por parte de historiadores. Gravações do FBI apontam para o facto de J.F.K. ter mantido, enquanto presidente, uma ligação com Judith Campbell Exner, que era simultaneamente namorada de Giancana e que desempenharia as funções complementares de correio entre o inquilino da Casa Branca e o gangster. E já nos anos 20, na época da Lei Seca e quando Al Capone fazia pessoalmente das suas, o pai de John, Joseph Kennedy, teria mantido contactos com o lendário sindicato do crime de Chicago.

CÓDIGO POSTAL EM 1961

Estes papéis, que durante meses foram tema de quase todas as conversas de corredor no meio jornalístico dos EUA, pertenceram a Lex Cusack, um antigo funcionário judicial do Estado do Con-

AMOR ENTRE MITOS

Tem-se especulado muito acerca do tipo de ligação existente entre J.F.K. e Marilyn Monroe. Em 1962, envergando uma roupa sexy, a protagonista de *Os Homens Preferem as Loiras* cantou perante 20 mil pessoas, no Madison Square Garden de Nova Iorque, um sedutor *Parabéns a Você* dedicado ao presidente. A referência mais credível ao flirt talvez seja a que é feita por um biógrafo de Marilyn, Donald Spoto, que alude a quatro encontros de ambos entre Outubro de 1961 e Agosto de 1962. Ainda segundo a mesma fonte, e embora não haja provas de que o interesse mútuo tenha sido

fisicamente consumado, Marilyn terá confidenciado a um amigo íntimo que teve, nesse período, «um encontro sexual» com J.F.K.

**VAMP**

Marilyn foi o maior mito de Hollywood nos anos 50



CECIL STOUTINGTON - LIFE

JUNTOS

A única foto em que Marilyn aparece com J.F.K. (e o irmão deste, Bob, à esquerda) foi obtida na noite em que a atriz cantou os *Parabéns a Você* dedicados ao presidente

► JFK-MARILYN: SEGREDOS BEM GUARDADOS

necticut que diz tê-los encontrado entre documentos pertencentes ao pai, Lawrence Cusack, um advogado de Nova Iorque falecido em 1985. Embora Lex Cusack garanta que foram autenticados por grafologistas (e muitos foram vendidos a colecionadores por uma soma total da ordem dos 4 milhões de dólares), quanto mais os jornalistas olhavam para eles mais os papéis lhes pareciam esquisitos. Sublinhe-se que Cusack pôs os documentos à disposição de Hersh sem ter pedido qualquer tipo de contrapartida.

No princípio deste ano, Mark Obenhaus, o produtor independente que trabalhava com Hersh no documentário televisivo, notou que um cabeçalho de carta datado de 1961 continha um código postal – antes de os códigos postais terem sido introduzidos. Além disso, os especialistas contratados para examinarem os documentos dactilografados concluíram que estes não podiam ter sido escritos na época que se pretende. (As máquinas tinham fita autocorrectora, por exemplo, coisa que só apareceu nos anos 70). Confrontado com os indícios de fraude, perante as câmaras, pelo apresentador Peter Jennings, Cusack balbuciou

que os papéis podiam ser cópias tardias dos originais, ao mesmo tempo que afastava a acusação de tê-los ele próprio forjado. Entrevistado mais tarde pela revista TIME, Cusack, que fora contactado para consultor do documentário da ABC, disse ter ficado «surpreendido e desapontado» por ter sido dispensado.

Hersh retirou do livro o capítulo que se baseava nos documentos de Cusack e reescreveu as passagens que reflectem essa omissão, mas o lançamento da obra continua previsto para o próximo mês. O presidente da ABC News, David Westin, diz que ainda «espera» apresentar o documentário em 1997, mas só tomará a decisão final quando este estiver concluído.

Quanto a Hersh, considera o corte apenas como um percalço menor no seu amplo exame da vida pública e privada de Kennedy, e diz ter sentido «um tremendo alívio» por já não ter de trabalhar com «aqueles documentos loucos que nada acrescentam».

NOVOS 'DIÁRIOS DE HITLER'

Mas como se explica que um dos mais importantes jornalistas de investigação dos Estados Unidos da América tenha ido tão longe com uma história que, a ter sido publicada, iria ombrear com a

dos falsos diários de Hitler nos anais dos grandes «barretes» jornalísticos?

Hersh, o jornalista galardoado com o Prémio Pulitzer que divulgou a história do massacre de My Lai, praticado por militares norte-americanos no Vietname, em 1969, e que desde então tem escrito livros «provocatórios» sobre Henry Kissinger e o derrube do voo 007 das Linhas Aéreas Coreanas, diz que tudo não passa de jornalismo básico: descobrir indícios e depois comprovar a sua veracidade. «Acreditei nos documentos», diz. «Mas sabia desde o princípio que tinham de ser cuidadosamente verificados.»

O que se revelou um processo moroso e oneroso (com um custo estimado em 80 mil dólares, cerca de 15 mil contos), pago pela ABC, que financiou o documentário depois de a NBC o ter avaliado e acabado por recuar pouco antes do início da produção.

Os documentos foram peritados por grafologistas (alguns acharam-nos credíveis, mas não conclusivos) e até foram submetidos a testes de despistagem de impressões digitais, não tendo sido encontrada nenhuma de John Kennedy. Mais tarde, foi feita uma análise completa por Jerry Richards, um antigo perito de documentos do FBI, o qual concluiu que eram forjados, baseando-se no tipo de máquina em que haviam sido escritos. Outros dois especialistas, um contratado por Hersh e Obenhaus e outro pela ABC, confirmaram posteriormente esta análise.

PRESIDENTE 'IMPRUDENTE'

Westin não manifesta quaisquer morsos por ter exposto a quase falha jornalística a uma audiência nacional de televisão (embora pequena; a maior parte dos telespectadores estavam sintonizados noutra programa). «Fizemos o que os bons jornalistas fazem, e fomos ao fundo da questão», diz. «De certo modo, tivemos orgulho nisso.» A editora do livro (uma filial da Time Warner) também está orgulhosa: continua a prever o lançamento de uma primeira edição de 350 mil exemplares. Mesmo sem o prato forte JFK-Marilyn, a editora Sarah Crichton promete que o livro de Hersh ainda apresenta muitos pormenores sobre «um Presidente cuja imprudência privada começava a invadir a vida pública». Mas, afinal de contas, não tão imprudente como parecia há uns meses... ■

© VISÃO com TIME